



UCRÂNIA

Dois anos sob bombas e sem perspectivas

Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia invadiu a ex-república soviética com a meta de derrubar o governo de Volodymyr Zelensky em poucos dias. Forças de Putin encontraram resistência. A guerra, marcada pela tecnologia, parece longe do fim

» RODRIGO CRAVEIRO

Morador de Kiev, o tradutor Bohdan Bohchkovskiy, 23 anos, sofre de estresse pós-traumático. “Minha vida mudou de forma drástica para pior. Eu me tornei paranoico quando escuto ruídos ou quando algo voa sobre minha cabeça”, desabafou ao **Correio**. “Perdi o meu pai para o câncer, em novembro. Creio que a doença progrediu por causa da situação que vivemos.” A história de Bohdan se confunde com a de muitos ucranianos. Em 24 de fevereiro de 2022, a vida de 43,3 milhões de ucranianos começou a sofrer o impacto de uma guerra.

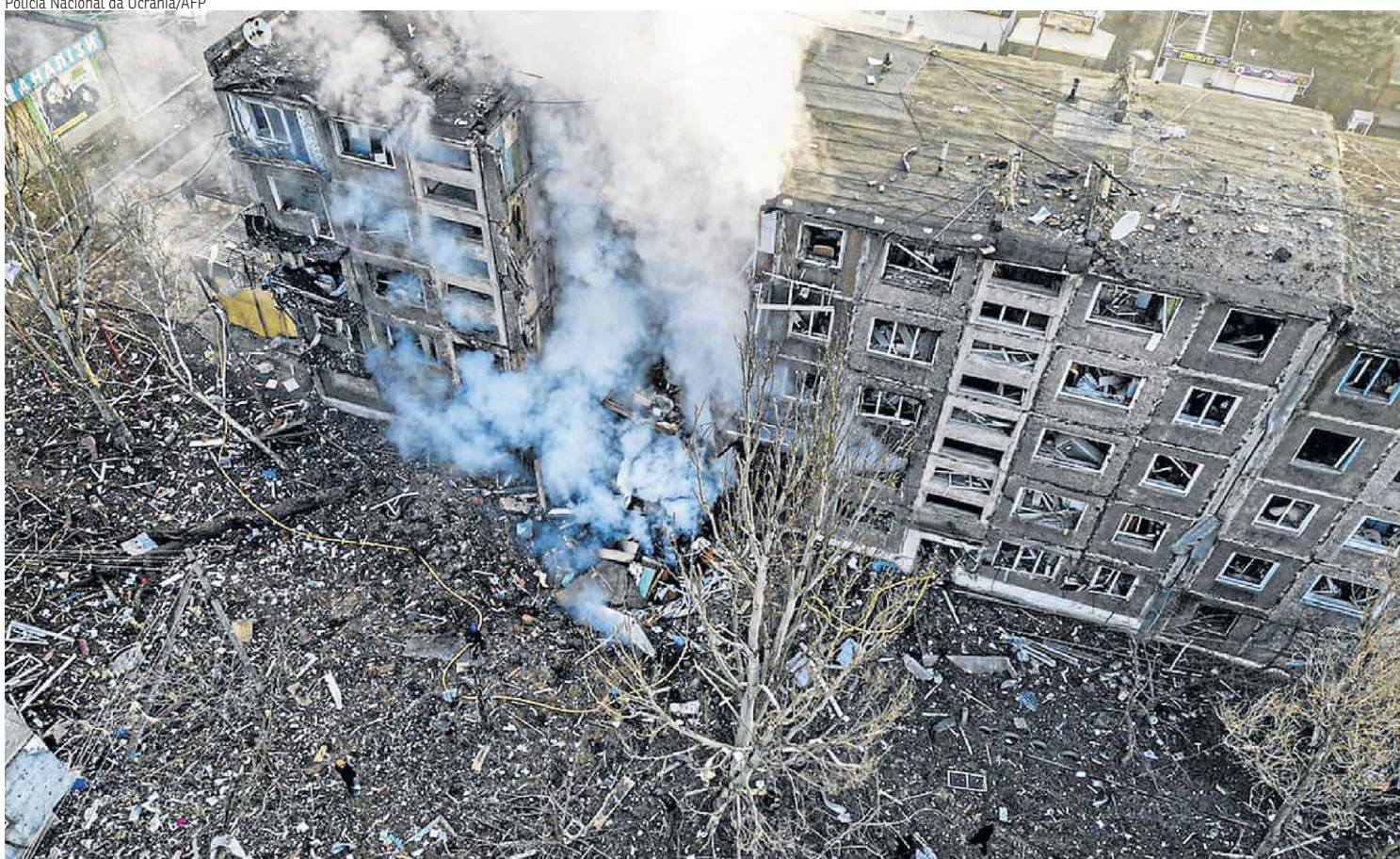
Após invadir a Ucrânia, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, pretendia depor o homólogo Volodymyr Zelensky em poucos dias. Quase dois anos depois, o confronto criado pelo Kremlin segue sem perspectiva de um cessar-fogo. Para Bohdan, um dos momentos mais tensos ocorreu em 10 de outubro de 2022. “Foi a primeira vez que Kiev foi bombardeada. Dois mísseis passaram sobre meu telhado e escutei as explosões. Desci as escadas e um dos artefatos chacoalhou todo o meu prédio. É como um sonho horrível. Uma semana depois, Putin usou drones camisas pela primeira vez. O impacto deles é aterrorizante.”

De acordo com Petro Burkovsky — analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Iiko Kucheriv (em Kiev) —, depois de dois anos de guerra, Ucrânia e Rússia foram forçadas a mudar para uma guerra defensiva total. “Os russos não conseguiram inverter o curso da guerra ao seu favor e alcançar os objetivos estratégicos: a destruição ou o enfraquecimento crítico da Ucrânia e a intimidação do Ocidente. Embora a Rússia tenha ocupado a ponte terrestre entre a Crimeia e o continente, ela permaneceu ameaçada pelos ataques e planos ofensivos ucranianos”, afirmou ao **Correio**.

Liberação

Apesar de imensas dificuldades, Burkovsky admite que a Ucrânia segue na busca da liberação de todos os territórios ocupados, incluindo a Crimeia, anexada por Moscou em 2014.

Polícia Nacional da Ucrânia/AFP



Bombeiros controlam incêndio em prédio residencial depois de bombardeio à cidade de Selydove, na região de Donetsk, no leste do país

Sergey Bobok/AFP



No cemitério de Kharkiv, cinco túmulos de família morta em ataque

“Apesar da contraofensiva fracassada, a Ucrânia rearmou o seu exército com artilharia, blindados e até aviões ocidentais. Existe a expectativa de que os caças F-6 cheguem ao front no fim da primavera (no Hemisfério Norte).”

Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, disse à reportagem que o objetivo da Rússia era derrubar Zelensky e instaurar um regime fantoche

no lugar. “Moscou queria criar uma espécie de protetorado russo, que poderia ser facilmente manipulado. Putin não foi bem-sucedido. Nesses dois anos, a Ucrânia defendeu a liberdade. Do ponto de vista psicológico, a Rússia sofreu uma derrota moral desde o primeiro dia que atacou o nosso país”, observou. Ele critica o fato de Kiev não ter recebido armas suficientes para combater os russos.

Gemya Savilov/AFP



Médicos ucranianos socorrem militar ferido perto de Bakhmut, no leste

Em entrevista ao **Correio**, Oleksandra Matviichuk — diretora do Centro pelas Liberdades Cívicas (em Kiev), ONG laureada com o Nobel da Paz, em 2020 — disse que Putin repetiu “apelos genocidas” de que os ucranianos não existem e são um único povo russo. “Nesses últimos anos, temos documentado como o Exército da Rússia implementa essa retórica nos territórios ocupados, de acordo com o princípio de que

os ucranianos devem ser reeducados como russos e que aqueles que se recusam a reconhecer a inexistência da nação ucraniana devem ser exterminados. É por isso que as tropas de Putin torturam e matam escritores, padres e figuras de governos autônomos da Ucrânia; banem o nosso idioma e a história; e destroem o patrimônio cultural. Também deportam crianças para a Rússia, a fim de crescerem como russos.”

Duas perguntas para

Oleksandra Matviichuk, diretora do Centro pelas Liberdades Cívicas, em Kiev, e Prêmio Nobel da Paz

Dasha Tenditna



Sua organização coletou muitos relatos sobre tortura cometida pelos soldados russos?

A Rússia viola todas as disposições da III Convenção de Genebra. A prática de tortura e maus-tratos a prisioneiros de guerra, independentemente do sexo, idade ou estado de saúde, é generalizada. Os relatórios dos defensores dos direitos humanos ucranianos, bem como de organizações internacionais, fornecem dados sobre espancamentos; choques elétricos; asfixia; violência sexual; tortura; remoção de partes do corpo (unhas e dentes); privação de água, comida, sono ou acesso ao banheiro; simulação de execução; ameaças de violência ou morte e de danos à família.

Qual é a explicação para a deportação de crianças ucranianas?

Após discutir a deportação ilegal de crianças ucranianas, vemos diversas categorias. A primeira categoria inclui crianças que foram deportadas juntamente com os pais. O destino delas dependerá de seus pais conseguirem deixar a Rússia rapidamente. A segunda envolve crianças de instituições estatais, como orfanatos. Infelizmente, não temos meios de rastrear o paradeiro delas. A terceira compreende crianças levadas pelos seus pais para acampamentos de verão na Rússia durante batalhas em seus territórios de origem. Quando esses territórios foram libertados, os russos se recusaram a devolver as crianças. Na categoria seguinte, temos crianças cujos pais foram mortos ou presos e que, agora, estão detidas em “campos de infiltração”. Elas são preparadas para adoção forçada por famílias russas, apesar de terem familiares na Ucrânia. As autoridades ucranianas identificaram 20 mil crianças ucranianas deportadas ilegalmente para a Rússia — apenas 388 conseguiram regressar. (RC)

RÚSSIA

Navalny: silêncio e mistério

Mesmo sob o risco de prisão, centenas de russos participaram de manifestações, ontem, para homenagear Alexei Navalny, 47 anos, principal opositor de Vladimir Putin, que morreu na sexta-feira em uma prisão no Ártico. O governo da Rússia mantém o silêncio. Segundo a porta-voz do ativista, Kira Yarmish, investigadores russos contaram que a causa da morte ainda não foi determinada. Enquanto isso, a equipe de Navalny afirma que as autoridades estão se negando a entregar o corpo à família.

“É evidente que os assassinos querem cobrir seus rastros e, por isso, não entregam o corpo de

Alexei, escondendo-o inclusive de sua mãe”, afirmaram apoiadores do líder via Telegram. Advogados defendem um exame cadavérico até a próxima semana.

Yarmish disse ainda que a mãe de Navalny, Lyudmila Navalnaya, foi notificada com um “documento oficial” de que ele morreu em 16 de fevereiro às 14h17 locais, 6h17 em Brasília. “Alexei Navalny foi assassinado”, acrescentou a porta-voz. As autoridades russas informaram apenas que foram feitos esforços para reanimar o ativista, que estava com a saúde debilitada devido à prisão, um envenenamento em 2020 e uma greve de fome em 2021.

“O prisioneiro Navalny A.A. sentiu-se mal após uma caminhada e quase imediatamente perdeu a consciência”, declarou o serviço penitenciário, em nota. A um mês das eleições presidenciais em que tenta mais um mandato, o presidente russo Vladimir Putin permanece em silêncio desde que foi divulgada a morte.

Reações

As autoridades não comentaram sobre as circunstâncias da morte, mas avisaram à população para não organizarem manifestações. Algumas pessoas se reuniram ontem em diversas cidades

para colocar flores em monumentos de memória a dissidentes políticos. Desde o dia da morte, a polícia prendeu 231 pessoas em manifestações motivadas pelo falecimento do ativista, de acordo com a ONG de direitos humanos OVD-Info. Em Moscou, a polícia prendeu pelo menos 15 pessoas em um monumento às vítimas da repressão soviética, é o que afirma o veículo de informação independente Sota. Curiosos conseguiram se aproximar do monumento, sob forte vigilância, e deixar flores e mensagens.

“Não se rendam!”, “Jamais esqueceremos, jamais nos renderemos, a Rússia será livre”, diziam

Sergei Gapon / AFP



Manifestantes ousam e saem às ruas de Moscou em apoio ao líder

as mensagens espalhadas entre as flores sob o “muro do luto”, local comum de concentrações da oposição. Um cartaz em inglês: “Você vive em nossos corações”.

Para o presidente dos Estados Unidos Joe Biden, Putin “é responsável” pelo ocorrido. Autoridades europeias homenagearam Navalny. Aliada, China evitou polemizar.